

Bombardeio no Senado

por César Felício
de Brasília

O Banco Central (BC) foi bombardeado ontem no Senado. O líder do PMDB na Casa, Jáder Barbalho (PMDB-PA), comandou a saraivada de críticas e chegou a questionar a própria existência da instituição. Na mira dos parlamentares estão o Programa de Estímulo à Reestruturação e Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional (Proer) – que beneficiou os bancos Econômico e Nacional – e o acordo fechado entre o BC e o governo de São Paulo para a devolução do Banespa à administração local.

“Eu estou esperando que me digam para que serve o Banco Central. Se ele desaparecesse, hoje, ninguém sentiria falta”, afirmou Barbalho, ameaçando o governo com a rejeição da medida provisória que criou o Proer. O senador Roberto Freire (PPS-PE) foi mais incisivo: “O BC serve o sistema financeiro privado e sempre fez a sua política de compadrio e

promiscuidade”. O detonador das críticas foi uma entrevista, publicada ontem neste jornal e em *O Estado de S. Paulo*, com o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA). Na entrevista, parcialmente contestada por ACM (ver matéria), o senador baiano descreve a negociação que resultou na aquisição do Banco Econômico pelo Banco Excel e que teve sua participação direta.

De acordo com o senador Jáder Barbalho (PA), “o tratamento de uma questão técnica dessa forma é inconcebível”, criticando especialmente o fato de o Banco Excel ter ficado apenas com a parte não comprometida do banco, tendo sido o restante assumido pelo Banco Central.

Segundo Barbalho, o BC não pode culpar o antigo controlador da instituição, Ângelo Calmon de Sá, pelo desastre financeiro do Banco Econômico, já que o Banco Central teria endossado balanços fraudulentos desse banco.

A negociação sobre o Ba-

nespa também foi muito criticada. “Será que a solução para o Pará seria a mesma que foi adotada para São Paulo?”, ironizou Jáder, acrescentando: “O que vemos é o dinheiro público financiando as estatais paulistas”. Aproveitando o ataque de Jáder, o senador Ney Suassuna (PMDB-PB) sugeriu a instalação imediata pelo Senado de uma Comissão da Moeda e do Crédito, para fiscalizar o BC.

Suassuna disse que essa comissão poderia coibir discriminação entre os estados, reclamando que o BC foi muito mais inflexível com o governo da Paraíba no momento de levantar a intervenção no banco local do que com o governo paulista para devolver o Banespa.

A queda-de-braço entre o Senado e o BC é antiga e tem como fundo o inconformismo entre os senadores com a negociação dura por parte da equipe econômica em relação às dívidas estaduais e aos problemas de liquidez dos bancos estaduais.